

**2º Lugar**

## CAVALO EM AZUL

**IBÉU**

ODILON MACHADO JÚNIOR  
Faculdade de Direito — 3º ano

Abrígido não é nome de rei? Não deve ser também de santo e herói general. Aí não se faz a qualquer história, que gente teima em inventar. O povo prefere o avêso das pessoas. Eu falo mais alto, testemunho. E de todos, só o que mesmo vale é a memória, é o que de final sobra.

Esse homem que já morreu, e dizem, era manso demente, foi o meu patrão, o primeiro e último, na sua fazenda Jordão, que ficava a duas léguas do Salto.

Ali o tempo passa distraído. Muitos anos já, que Sô Abrígido tinha os mesmos cabelos embranquecidos, o jeito de olhar o chão ou para dentro dos olhos da gente, certo sensato, um bom: aroeira bem nascida, de tôda lei, o fiel prumo. De costas ou de lado, êle era o sempre mesmo, sua sombra era que devia dizer em que altura do céu o sol estava. Era da religião de espiritismos.

Do lado dêle, a dona Teodalva, velha mulher sua espôsa: nos olhos meio apagados se via um resto de muito orgulho, a cabeça levantada, ela parecia que olhava sempre a sujeira do mundo. A ninguém dizia da sua asma, faltas de ar. Decerto que um era o tempêro do outro.

Vai que o Tadinho, o caçula, ganhou um livro, suas histórias de fada e côr e dom, o anão, a agulha, o final com a festa não sei em que ingla, numa longe landa. Eu mais escutava, ficando de lado assim, na meia inveja, e se pudesse ia ser o tal qual Merlin, qualquer marmelo era meu condão, minha roupa de sete-estrêlo. Aquilo era matéria para “Oh! hum! ’spia, hem, vigia êsse: ah!”

Essas histórias, o seu quer-dizer, quase não cabia dentro das idéias das pessoas, que tinham a obrigação de viver todo o dia, repetir o sempre. A vida com jeito de arrematada, linha linha e ponto. Todos adivinhavam o que não ia acontecer, e só sabiam que se vivia, sem dez razões contadas, mas com um fechado respeito pela felicidade dos outros.

Nós, a gente mesmo não conseguia ser infeliz ou feliz, acho. Não se pensava isso. Idéia no ar, sopa fria.

Quase que já fazia a semana que o livro tinha chegado, menino quer logo outra coisa, e a gente séria logo esquecemos daquêle povinho desenhado.

De manhã o patrão sô Abrígido me chama, e diz pra eu ir buscar o cavalo côr céu. E êle sabia que o cavalo era pedrês e bom de trote, não havia cavalo nenhum azul no pasto, que era verde. Mas mesmo fui, trouxe o Caramujo. Já na porteira me esperava o cavaleiro, feito outro que não era êle. Então decerto, quem sabe vi: com uma capa que era velha cortina, divisão de cozinha e sala, na cinta pendurado o facão de torar cana, a cabeça enfeitada por uma coroa feita de uma espora e papel-de-côr, e quando mais perto, eu vi um Rei, inteiro, demais. Êle era êle, na voz o meu comando, o mandado destino de todos. Me disse: “A Rainha” . . . , com voz de final verdade. Eu temi por minha cabeça, antes por meu juízo. Corri a falar com a dona, siá, sinhá, Sá Teodalva. Ela nem me olhou, mas com um brilho d’água nos olhos. Suspirou fundo, e entrou para o quarto.

Na frente da casa, as árvores. Tinha uma laranjeira e as abelhas, um pau-canela e a camisa-fina. E uma planta que



gn. gn. choleth 70

veio em muda lá da cidade, e era fraca, só dava uma flôr por cada ano, acho que em tempos de água: o mundo em seu lugar. E se a gente vive um pouquinho mais, a gente sai do real e leva nas costas outro muito maior compromisso?

Meu espírito, meu desamparo. Meu coração de dó, doía, eu, quem diria, ver o senhor Abrígido assim em tal amargo estado, eu queimava por um gole de cachaça, molde estancar resto de doideira. Minha não, eu não: o mundo então não era feito para qualquer desfêcho?

E vindo o meu patrão, no cavalo que era de outra côr, chegou até o mourão da cêrca, perguntou: “que é da Rainha”? Por meio sus, sussurro, atrás de mim: no vestido de antiga noiva, mais os sapatinhos de tempo de môça, três enfeites no branco cabelo claro. Nela a gente não via fantasia nenhuma, que ela nunca vestia de outras roupas, nem devia. Cada um ia encontrar agora o seu destino, ali? Então eu quase disse: “minha Rainha”! Ela entendeu, e me desaprovou o espanto e o traje, que eu estava portanto em andrajos, na boa roupa de semana.

O brim, meu brio: pus a casemira. Sentei e não queria me parecer com ninguém outro que não eu. Para isso cerrava a bôca. E tirava pedaços de madeira do banco, com a unha. Aí sim, estava era me adiando, agora sei. De repente olhava depressa em volta, a ver se estava o que acontecendo. Todos, no meio daquêle palco?

Pelas duas da tarde, uma negra que naquele dia era de certo escrava, trouxe o mel de jataí que a gente comeu sem fome, parece que todos esperavam uma coisa aparecer no ar, pesado de chuva. Eu tinha sede.

Quando dei fé, olh’eu lá, inteiro esticado estrovado, me anunciei, me pus na frente do mundo. As pessoas me aguardavam? Não acontecia o que eu estava fazendo? Não sei, se de pouco e de nada. Mas cada vez que mostrava a fina mágica — assim igual ao avô do morcêgo, frio e cego e que ninguém

pode negar — os dois reis me olhavam. Me viam como nunca. As mandraquices: minha reinvenção. Eu, o vaqueiro, que então com outro ganho de vida — o que é a tarefa de viver. A Rainha quase que falou inteiro alto o meu nome: “Lijmírio”... Mas eu não estava desprevenido, até parecia ter estudo do meu papel.

Numa hora dessas, adiantava rezar às almas? Eu com aquilo não podia, pensava; e se estivesse tudo sendo o próprio, meu vislumbre? Não, ninguém era cego, e um olho me bastava, na terra daquêle rei.

Aquilo não podia durar mais que a vida tôda, pensei. Portanto, o vento aumentou muito, veio uma noite escuríssima, nem sequer se via nada de nada, e caiu um raio no curral maior, a atroada, o estouro, o estrondo.

E a chuva chegou, ah! de pancada, um toró, a gente só via a serra quando um raio coriscava, debaixo da cortina de água que só caía. Ninguém nenhum de nós quis buscar lampião. O firlin da chuva, a gritaiada das saracuras, o tanto de bicho no brejo, cada criatura vivendo.

Por enfim o sapo-martelo malhou os ferros, outro respondeu, e me veio um sono do tamanho dum cansaço. Saí para o ar, a água fria bateu ao redor de mim, aí lembrei que a chuva era de um atraso de mais de um mês, não fiquei certo se ela veio na sua hora, ou veio salvadora: o arroz começava a fraquejar, seu Abrígido tinha plantado muito mais que no ano passado. E essa sêca trazia muita imaginação ruim para a cabeça dos outros.

Quando eu já ia embora quase de uma vez, meu patrão me pediu para levar o facão, guardar na casinha dos trens.

Debaixo da chuva, eu, descendo por uma noruega, a pique de felicidade. A camisa de-domingo ia desbotar, que m'importa? dali eu via o boi Braganço, berrava grosso, o gado adivinhando o capim nôvo colonião. Também o Caramujo, cavalo pedrês, com umas manchas que eu parecia ver, umas manchas

de uma côr, eh! essa, se pudesse existir um cavalo azul, dentro da cabeça da gente.

Daí, o patrão Abrígido pegou a ficar fraco, nem mais a viagem para a cidade podia fazer, quando ia ver o comércio, assim dizia. Na volta, sempre passava pelo José Abnegado, também espírita, e trazia manteiga de capivara, que Sá Teodalva bebia com café amargo. Foi ficando velho, parece que vivia depressa demais, muito de repente, as pessoas achando que êle não ia caber no dia seguinte.

A gente tinha uma saudade, mesmo no tempo de vida de Sô Abrígido; não sei, sei não senhor, de quê.

Isto foi pelo fim da sêca, se lembra? Aquela. Quando fui batizar meu primeiro menino-homem, em Ituiutaba.